EX-LIBRIS
O ESTADO DE S. PAULO

jornal da tarde

CrS 0,50

Sexta-feira, 25 de agosto de 1972. Número 2.046. Ano 7.

O ESTADO DE S. PAULO

PRÉ-BIENAL

São mais de mil obras, de artistas que usaram de tudo para fazê-las — menos o pincel e as tintas. Para escolher as melhores, o júri teve que ouvir muito barulho, derrubar latas, andar de cavalinho. E acabou premiando a arte conceitual ambiental. Comentário de Francisco Matarazzo Sobrinho, presidente da Bienal: "A antiarte venceu. Será bom?"

Poderia ser um canto de supermercado, mas não é: um artista empilhou latas para criticar a sociedade de consumo. Uma televisão foi adaptada para virar máquina de moer carne (que acaba de moer uma mulher): um artista está criticando a violência da nossa sociedade. Mas, esta Pré-Bienal não é feita só de críticas. Tanto que o elogio da tecnologia acabou levando o "Grande Premio Brasil-Independência": Cr$ 15 mil para Gerty Saruê e Antônio Lizárraga, autores da "Alternativa Urbana". Depois de examinar mais de mil obras — de 400 artistas — o júri de quatro homens e uma mulher (Antonio Bento, José Roberto Teixeira Leite, Jayme Maurício, Ivo Zanini e Lisetta Levi) resolveu dividir entre um homem e uma mulher — o cearense Aderson Medeiros e a gaúcha Ilse Monteiro — os Cr$ 20 mil do "Prêmio Sesquicentenário da Independência do Brasil". Os demais prêmios em dinheiro — variando de Cr$ 2,5 a Cr$ 5 mil cruzeiros — foram para Nelly Guttmacher, Decio Gerhard, Alfredo Fontes, Ivens Fontoura, José Baravelli, Sergio Ederlyi, Aldir Mendes, Valdir Sarubi, Mari Yoshimoto, Cleber Machado, Sulamita Mareines, Sergio Porto, Takashi Fukushima, Lucia Helena Martini, Acacio Ribeiro, Augusto Francisco Novelli Jr, João Albuquerque e Marcelo Antoniazzi. Mereceram "Referências Especiais", Marcia Demange, Helke Hering Bell, João Carlos Goldberg, Lucia Schainberg, Antonio Celso Sparapan, Emilio Fontana e Mariselda Bumajny. Dia 6 de setembro, os artistas premiados receberão seus prêmios na própria Bienal, que funcionará diariamente de terça à domingo, das 15 às 22 horas, com ingressos gratuitos.

A critica ao consumo: "Latas"

Esta Bienal é chocante, polêmica, agressiva. Como sempre.

Os artistas que se apresentam nesta Pré-Bienal querem chocar, criticar, ironizar. Mas, para o júri que premiou os melhores, a arte que eles mostram é uma derivação da pop-art, mas estacionária, "porque não evoluiu como na Europa, para chegar ao hiper-realismo".

Quando saiu de Campinas com seu cavalo de dois metros e oitenta centímetros de altura, Bernardo Caro estava com medo de um inimigo natural: a garoa que costuma cair todas as noites, de Jundiaí até São Paulo. Mas no dia 10 de julho — o dia da viagem — o enorme e pesado cavalo deslizou suavemente pela carroceria do caminhão da Prefeitura. Pesando 300 quilos de madeira, papelão massa de gêsso, caolin e cola de madeira, o cavalo necessitou de oito homens para subir — duro e rígido — no caminhão.

Era preciso proteger a fragilidade do material e Bernardo Caro envolveu toda sua obra em plástico rosa, verde, amarelo. Na estrada, além do medo da garoa, uma surpresa misturada com alegria: todos os automóveis reduziam sua velocidade (100/120 quilômetros) para ver e entender melhor **aquilo**: um cavalo meio fantástico, meio surrealista, já sem os plásticos coloridos que o vento tinha destruido.

Quando passou por Jundiaí, outra alegria; outra surpresa: não havia garoa naquele dia 10 de julho de 1972. E o cavalo chegou à Bienal imponente, duro, rígido. E seco.

— Não é o cavalo de Tróia, mas o cavalinho da nossa infancia, feito de papelão e massa; um brinquedo estático que movimentava a nossa imaginação. Os brinquedos atuais são superdinamizados, cheios de movimentos mecânicos, luzes, sons. A criança precisa destruir o brinquedo para ter um mínimo de prazer e criatividade. Meu cavalo é um protesto aberto e declarado contra a mecanização lúdica.

O imenso cavalo de Bernardo Caro além de pesado e grande, custou CrS 1.800,00 e levou pouco mais de duas horas para ser transportado de Campinas a São Paulo. Aceito pelo juri de seleção e quase premiado (o texto explicativo do autor foi considerado "desnecessário" pelo juri de premiação) o cavalo de Bernardo tem uma função extra:

— Quero dar, a cada adulto que visitar a Pré-Bienal dêste ano, a oportunidade de viver momentos de fantasia, voltando a sua infancia. Eu mesmo não consigo matar o menino que resiste lá dentro de mim. Já tentei, mas não deu.

Bernardo Caro tem 40 anos de idade e tres filhos. Nasceu em Itatiba, interior de São Paulo, mas vive em Campinas há 38 anos. Além de artista consagrado (pintor, desenhista, gravador e agora artista que se dedica a arte ambiental-conceitual) ele leciona História da Arte e dá cursos técnicos de pintura na Universidade Católica de Campinas, em dois colégios de nível medio e dois cursos semanais na Galeria Girassol, a primeira e única galeria de arte contemporânea de Campinas.

O cavalo de Bernardo não é a única obra polêmica que, mais uma vez, a Bienal de São Paulo vai apresentar. (A tradição de polêmica e escândalo não pode ser separada ao que parece, nem da arte contemporânea, nem das Bienais).

A Pre-Bienal dêste ano mudou apenas de nome e no ano que vem terá o definitivo: **Bienal Nacional**. Mas a sua própria tradição de polêmica e escândalo vai continuar, porque nesse jogo-brincadeira, artistas, críticos e público continuam muito interessados.

O Grande Premio desta Pré-Bienal ou "Mostra do Sesquicentenário" e "Brasil, Plástica, 72", foi, entretanto, atribuido a uma obra e artistas sobrios: "Alternativa Urbana" obra conceitual-ambiental, começa nos desenhos de Gerty Saruê e Antonio Lizárraga depois sai das paredes e se estende pelo piso, em 28 toneladas de concreto. Em resumo, é um elogio da tecnologia de hoje e uma tentativa de colorir o concreto. Se não escandaliza, essa obra pode, no mínimo, provocar discussões.

Nas outras salas, a violencia é denunciada em várias obras ao mesmo tempo em que outros artistas ironizam a sociedade de consumo. Como Lucia Helena de Souto Martini, jovem artista de Campinas, que transformou o ser humano num monte de carne moida. Para fazer sua **"Massificação"**, ela utilizou um aparelho de televisão antiquado, um funil que engole um corpo feminino, só restando intactos o antebraço e a mão. Ao lado do vídeo, tudo o que restou foi um amontoado de carne humana, sangrando.

Sua obra foi premiada — "Revelação e Estímulo" — com Cr$ 2.500,00.

Alfredo Fontes, artista carioca, denuncia o consumo e propõe ao visitante-consumidor que crie, ele próprio, o rótulo para mais uma lata de conserva de alimentos. Sua obra (conceitual-ambiental) são milhares de latas empilhadas. Latas novas, brilhando, vazias.

Para o juri de premiação, a arte brasileira apresentada nesta Pré-Bienal é "uma derivação da Pop-art, mas estacionária, porque não evolui como na Europa, onde chegou ao refinamento do **hiperalismo**".

Mesmo assim, Gregório Gruber (filho do pintor e gravador Mário Gruber) está com preocupações nesse sentido. Suas obras são cenas urbanas onde o homem ou a paisagem mostram uma absoluta solidão. Como o norte-americano Edward Hopper, Gregório se volta para o vazio absoluto: o do espaço e o do interior do homem urbano.

O cearense Aderson Tavares Medeiros também impressionou o juri, não só pelo misticismo mas por ter dado, a sua visão particular de arte, uma visão brasileira. Seu **Super-Cristo** é um terrível conjunto de ex-votos nordestinos (madeira) que ele reuniu entre fragmentos de estopa. Além de um Jesus de rosto sereno, um braço negro outro branco, e pés sofridos, Aderson criou um entêrro na rede — típicamente nordestino — e um mendigo que lembra um cangaceiro.

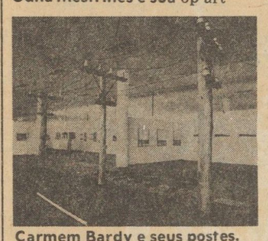
Andando por vários quilometros de cimento e de arte, o espectador não consegue ficar indiferente, pois nem tudo é violência e agressão. Há gravuras, desenhos, esculturas que transmitem a suavidade do ato criador. Aquele ato que se preocupa com o requinte formal, antes de tudo. Mas assim mesmo, o que predomina é a arte conceitural-ambiental, jovem, contemporânea.

Enquanto o júri de premiação discutia, Francisco Matarazzo Sobrinho — criador e presidente da Bienal de São Paulo, deu uma volta completa por todas as salas, apoiou o corpo em sua bengala, desabafou:

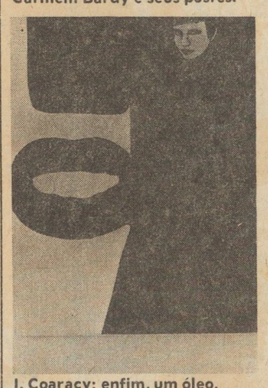
— Não sei até que ponto é bom ver a pintura ficar em último plano, com a predominância de tanta manifestação sonora, ambiental, conceitual. A antiarte venceu. Isso será bom?

Prêmio para a "Massificação"

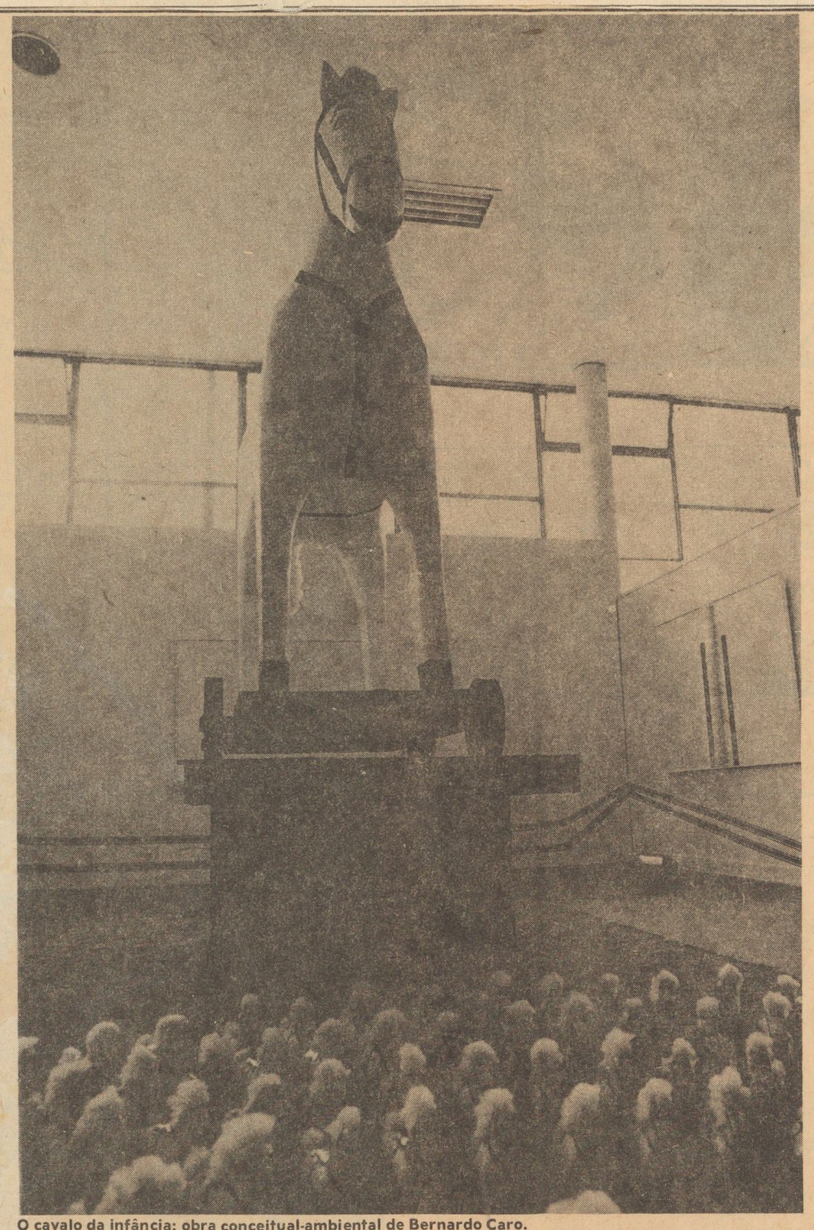
Odila Mestrines e sua op art



Carmem Bardy e seus postes.



I. Coaracy: enfim, um óleo.

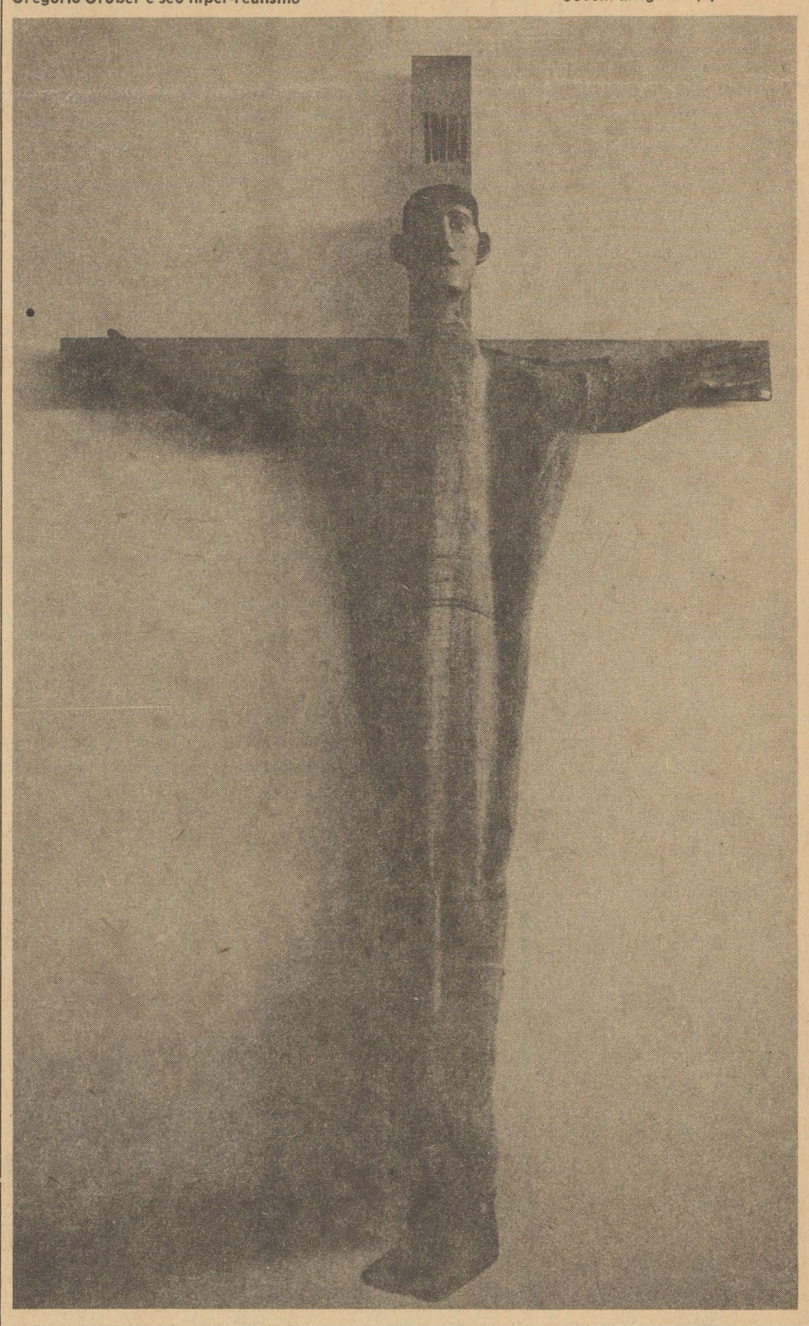


O cavalo da infância: obra conceitual-ambiental de Bernardo Caro.

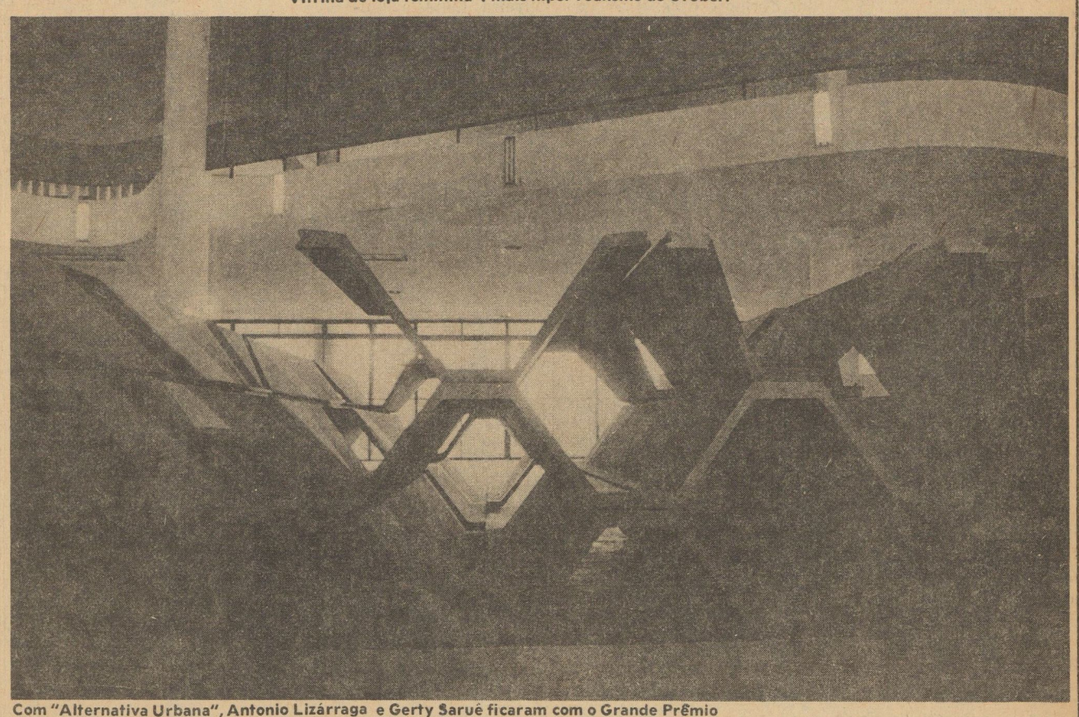
Gregorio Gruber e seu hiper-realismo

"Jovem dirigindo", quase uma foto.

"Vitrina de loja feminina": mais hiper-realismo de Gruber.

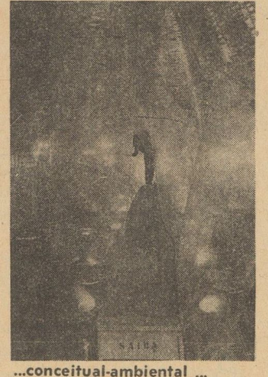


Um braço negro e outro branco, pés sofridos, um corpo esquálido e, ainda assim, uma expressão serena no rosto: O Super Cristo do cearense Aderson Medeiros, que dividiu com Ilse Monteiro os Cr$ 20 mil do prêmio "Sesquicentenário da Independência do Brasil".

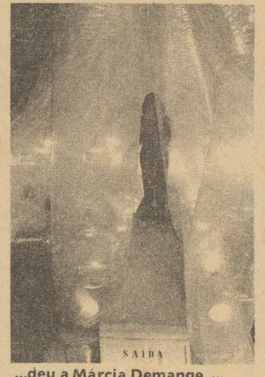


Com "Alternativa Urbana", Antonio Lizárraga e Gerty Saruê ficaram com o Grande Prêmio

Esta obra enorme ...



...conceitual-ambiental ...



...deu a Márcia Demange ...

...uma "Referência Especial".